

**18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA**

**26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)**

**Grupo de Trabalho 34**

**Relações Raciais e Étnicas: Desigualdades e Políticas Públicas**

**“Brincando de *bullying*”: narrativas de sofrimento de crianças e jovens frente às situações de discriminação racial e preconceito.**

**Autoras:**

Sandra Assis Brasil – UNEB e ISC/UFBA;

Leny Alves Bomfim Trad – ISC/UFBA

## **“Brincando de *bullying*”: narrativas de sofrimento de crianças e jovens frente às situações de discriminação racial e preconceito.**

### **Introdução**

As iniquidades raciais acometem diretamente as condições de vida e saúde da população. O racismo brasileiro pode ser compreendido como um fenômeno sócio-histórico que marca as bases de socialização no país, e também um importante determinante social da saúde. O racismo presente já na infância pode acarretar uma série de consequências para a formação das crianças e adolescentes negras. Sentimentos de inferioridade, desvalorização de suas tradições, identidades e costumes, além de relações de discriminação e violência, são exemplos que marcam a formação dessa infância (SOARES, 2011; SANTOS, 2003).

Enquanto fenômeno histórico e social, o racismo guarda em suas configurações uma tal complexidade de processos relacionais e estruturais que ultrapassam o contexto ou dinâmica da sociedade contemporânea. Para Moore (2007), trata-se de um fenômeno referente a distintas épocas e sociedades, relacionando-se às suas dimensões ideológica e histórica. Pode ser entendido como uma ideologia que diferencia grupos sociais a partir de seus marcadores físicos, do seu fenótipo, e os inferioriza em relação a outros grupos sociais (ARAÚJO, 2007; LOPES, 2005), bem como, uma ideologia-teoria que respalda e justifica as desigualdades sociais (GUIMARÃES, 2009). O racismo vem sendo debatido e discutido em todo o mundo, num contexto de lutas por cidadania e direitos humanos.

O racismo, enquanto fenômeno social, permite uma análise acurada sobre as noções de ‘raça’ e ‘cor da pele’ e pode desatar os nós da conformação da sociedade brasileira em suas inúmeras formas de hierarquização social, além de auxiliar na análise das iniquidades sociais, especialmente as desigualdades em saúde, à luz de outras dimensões que ultrapassem as interpretações naturalizadas dos processos de diferenciação social. Guimarães (2009) afirma ainda que o fenômeno do racismo só pode ser entendido a partir das realidades locais e da história e configuração social de cada região onde ele se faz presente.

Bobo e Fox (2003) analisam a produção de pesquisas sobre raça, racismo e discriminação nos Estados Unidos, enfatizando a existência de disputas entre os pesquisadores, especialmente sociólogos, em torno da complexidade dos seus significados. Os autores apontam os avanços das leituras sociológicas de tais

fenômenos no que concernem às análises sobre os processos de manutenção das fronteiras entre os grupos, sobre os sistemas de desigualdades raciais e suas ideologias de suporte, e os padrões empregados nos comportamentos intergrupais. Ainda assim, continuam os autores, o foco de tais pesquisas tem sido as manifestações estruturais da raça, do racismo e da discriminação, particularmente na caracterização das relações entre negros e brancos, existindo ainda poucas análises que abarquem os processos microssociais, tais como identidade, sentimentos, crenças e estruturas cognitivas.

Williams e Priest (2015) apontam as consequências do racismo sobre a saúde, destacando que experiências subjetivas de discriminação se configuram importantes estressores, impactando negativamente a saúde de uma forma geral. Os autores apresentam um modelo de compreensão do fenômeno do racismo do qual se depreendem as múltiplas possibilidades de impacto sobre a saúde. Neste modelo, o racismo é visto como um determinante básico da saúde e destaca causas primeiras ou fundamentais das causas aparentes ou intervenientes. A compreensão principal é de que a raça, ou o componente racial, é criado por forças macrossociais que se vinculam à saúde “através de diversos mecanismos intervenientes”. Ou seja, tomando-se, por exemplo, o estresse como mecanismo interveniente, pode-se reconhecer o racismo como causa de estresse por discriminação e traumas, porém, apontam os autores, ele também pode afetar outros tipos estressores, tais como desemprego, dificuldade financeira, violências, etc.

### **A temática racial na pesquisa com crianças**

Os impactos do racismo na formação de uma criança precisam ser descritos e analisados a fim de que se possa melhor oferecer suporte e cuidado a sujeitos que, muitas vezes, não possuem ferramentas que permitam identificar as fontes de seus sofrimentos e as principais formas de enfrenta-los. Além de que, por se constituírem episódios de violência (física ou simbólica), podem interferir, de um modo diferenciado e, por vezes, perverso, na construção das identidades destas crianças.

O espaço da escola – voltado aos primeiros processos de socialização e convivência entre as crianças – mostra-se ainda pouco saudável para a formação da identidade negra diante da falta de exemplos satisfatórios com os quais a criança possa se espelhar, identificar-se e desenvolver-se de modo relativamente ‘saudável’. Os autores acima referem a falta de brinquedos infantis que possam representar a cor

da pele, os cabelos crespos, ou mesmo a cultura negra. Os livros didáticos e paradidáticos expressam a mesma situação. De acordo com Silva (2005), o livro didático parece ser o dispositivo de ensino mais utilizado por seus professores e um dos poucos recursos de leitura acessados por determinadas famílias. No entanto, o que se lê nas páginas destes didáticos são traços de 'estereotipia' e 'caricatura' da população negra e pouca referência à história e à cultura dos ancestrais africanos e afro-brasileiros<sup>1</sup>. Além de pouca representação de heróis negros nos personagens dos livros infanto-juvenis (LIMA, 2005).

Soares (2011) recorda que a infância é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano, na qual as crianças podem experimentar, conhecer, relacionar e expressar diversas possibilidades para suas vidas, adquirindo valores e referências importantes. Porém, o que se escuta nesta fase, através dos discursos enunciados por professores, colegas e mesmo familiares, pode permitir ou não uma boa formação e valorização de diferentes identidades. Se as experiências cotidianas que ajudam na construção e formação destes infantes são marcadas por práticas discriminatórias, delineia-se assim um cenário marcado por desigualdades e produtor de sofrimento, dor e silenciamentos.

O silêncio é um aspecto crucial para compreensão das relações raciais no Brasil. Este silêncio se expressa sob diferentes formas, e é desafiador. Como entender que o silêncio está diretamente relacionado ao fenômeno do racismo? Como romper este silêncio? O racismo se expressa através do discurso, um discurso que também é silencioso, o 'não dito'. Cavalleiro (2005) apresenta outra nuance do silêncio, destacando-o como uma espécie de proteção que as famílias negras podem ter, de forma a melhor cuidar e proteger seus filhos dos danosos efeitos do racismo. Uma 'evitação' no sentido de se opor à dor e as ameaças existentes. Porém, é este mesmo silêncio que perpassa os processos de socialização de crianças negras e pode desembocar na assunção de um lugar de submissão e, portanto, detentor de uma identidade negativa e baixa auto-estima (SOARES, 2011; CAVALLEIRO, 2005).

Ademais, o sofrimento psíquico advindo da dimensão étnico-racial é capaz de produzir graves sintomas e alterações do desenvolvimento psicoafetivo de uma

---

<sup>1</sup> Ressalta-se a importância dos esforços de organizações sociais e movimentos negros, nos últimos anos, para mudanças no desenho dos livros didáticos, especialmente a partir da aprovação da lei 10639/03 que prevê a inclusão da temática étnico-racial e do resgate da história e cultura negro-africana para a educação no país.

criança. Santos (2003) relata o caso de uma criança de nove anos com dificuldades emocionais graves, sua relação com conflitos ligados a sua origem étnica e a conseqüente busca de constituição de sua subjetividade. No caso em questão, a criança, considerada negra pela autora diante de sua descrição fenotípica, via-se e se autodenominava 'loira'. Filha de pai loiro e mãe negra, esta criança sofreu uma série de interdições quando da curta e tensa relação de seus pais. Sua identidade foi, possivelmente, forjada sob o ideal de beleza do pai, loiro, que maltratava aquela que não podia ser bela, sua mãe, negra. O resultado de sua formação pode ser lido como um sujeito "café com leite" (p. 126), que não consegue firmar-se enquanto sujeito diferenciado de sua mãe (caso de uma possível psicose infantil), mas também um sujeito em busca de auto-afirmação, suas origens e inteireza.

Em uma recente revisão sistemática da literatura, Priest et al (2013) analisaram as principais publicações acerca dos efeitos da discriminação racial sobre a saúde de crianças e jovens. Os autores realizaram uma revisão dos estudos epidemiológicos, publicados em língua inglesa, em periódicos internacionais, além de teses e dissertações, que utilizaram a discriminação racial como medida de exposição. Os achados desta revisão corroboraram o fato de que todos os estudos analisados encontraram fortes evidências para a discriminação racial como um determinante crítico da saúde e do bem-estar geral de crianças e jovens, demonstrando ainda os efeitos negativos desta discriminação.

A revisão ainda apontou um crescimento na quantidade de estudos com este enfoque nos últimos sete anos, apresentados sob relações fortes e consistentes entre discriminação racial e uma gama de resultados prejudiciais à saúde em diferentes grupos etários, étnicorraciais e contextos de vida. Os autores analisaram 121 estudos, destacando as fortes e consistentes correlações positivas entre discriminação racial e indicadores negativos de saúde mental, tais como ansiedade, depressão e estresse psicológico. Também encontraram nesta revisão uma importante correlação entre discriminação racial e problemas comportamentais, incluindo comportamentos delinquentes (PRIEST et al, 2013).

O trabalho realizado no Brasil por França e Monteiro (2004) analisa como a expressão do racismo na infância se apresenta de forma cada vez mais sutil, sendo entendido como expressões indiretas do racismo, que ocorrem pela presença de normas antirracistas impedoras da expressão de um racismo flagrante e à presença de valores de igualdade de direitos. Silva e Branco (2011), a partir da contribuição da

Psicologia do desenvolvimento e da educação, realizaram pesquisa qualitativa com meninas na faixa etária dos 09 aos 11 anos, abordando a interação entre meninas negras e brancas em um contexto lúdico estruturado. Em sua revisão, as autoras analisaram que parte significativa da produção sobre os efeitos do preconceito/discriminação na constituição da subjetividade se voltam mais às meninas. Identificam alguns importantes trabalhos focalizados na construção de si e subjetividade de meninas negras, apontando ainda que são as meninas que mais apresentam insatisfação e vergonha com relação a si próprias.

As interações analisadas pelas autoras indicaram valorização do ideal de beleza branco, loiro e de olhos azuis. Nas interações, as meninas, independentemente de sua cor/raça, valorizaram a boneca branca e loira, em detrimento da boneca negra e de cabelo crespo, e apontaram o ideal de menino bonito como sendo “branquinho”, de olhos e cabelos claros. As autoras identificaram existência de ‘crenças, valores e padrões de beleza racistas’ desde os processos de interação e socialização da criança, além da existência de desvalorização da negritude e consequências negativas na concepção de si das crianças negras.

Em uma importante pesquisa realizada nos Estados Unidos por Goff et al (2014), foram encontradas evidências convergentes de que meninos negros (Black Boys) são vistos como mais velhos e menos inocentes quando comparados com seus pares brancos da mesma idade. Os autores partiram de uma concepção de infância na qual a categoria social “*children*” (crianças) define um grupo de indivíduos que são percebidos como distintos, possuindo características próprias, incluindo a inocência e a necessidade de proteção (GOFF et al, 2014). O estudo testou três hipóteses: 1) meninos negros são vistos como menos infantis que seus pares brancos; 2) características relacionadas à infância são menos associadas aos meninos negros em relação aos meninos brancos; 3) estas tendências são exacerbadas em contextos onde homens negros são desumanizados quando associados implicitamente a macacos.

Goff e seus colegas se utilizaram de diferentes métodos para teste de suas hipóteses, incluindo estudos mistos (análises de laboratório e de campo). Os achados corroboraram as hipóteses, evidenciando que os meninos negros são vistos como mais velhos e menos inocentes que os meninos brancos, de acordo com a concepção social de infância; e demonstraram que a associação negro (black)/macaco (ape) é um importante preditor das atuais disparidades raciais na violência policial em relação

às crianças. Para os autores, a pesquisa sugere que o processo de desumanização é uma atitude intergrupar perigosa e que essa percepção intergrupar sobre a criança/infância é pouco explorada, sendo necessário mais estudos neste campo. Os estudos de laboratório e de campo realizados pelos autores acima são evidências quase óbvias de uma realidade social vivenciada por jovens negros americanos e brasileiros. Os indicadores de violência policial e mortalidade de jovens negros confirmam os achados acima.

Oliveira e Abramovicz (2010) realizaram estudo numa instituição de educação infantil, analisando como as práticas educativas produzem e revelam a questão racial. As pesquisadoras demonstraram significativa diferença no cuidado dispensado às crianças brancas e às crianças negras. Os resultados deste estudo mostraram haver uma comparação e classificação para oferta de cuidado e 'paparicação' por parte das educadoras. O componente racial apareceu como um elemento de exclusão das crianças negras das ações de 'paparicação', deixando-as de fora de situações como contato físico e atos de carinho, além de recebimento de elogios relacionados à beleza e ao bom comportamento.

O trabalho de Rita Fazzi (2004) apresenta densa análise das publicações, principalmente norte-americanas, sobre o preconceito entre as crianças, destacando aspectos importantes dos processos de construção do preconceito, sobretudo elementos de estigma, estereotipação, rejeições e discriminações. Partindo da leitura de que o preconceito se manifesta tanto em atitudes (estereótipos, sentimentos e preferências), quanto em comportamentos (agressão verbal, rejeição, impedimento de participação em alguma atividade), Fazzi também contribuiu com aspectos metodológicos sobre as formas de abordar a criança, sugerindo estratégias para constituição de vínculos e melhor compreensão dos comportamentos e atitudes no âmbito das relações raciais.

*“Preto é feio”; “Preto parece diabo”; “Ladrão é preto”; “Preto é feio e preto parece carvão”; “Eu não queria ser preto porque é maconheiro”; “A gente passa na rua e os outros ficam assim: ó macaco, ó macaca”.* Estas frases são representativas dos padrões de significação sobre o negro encontrados entre as crianças do estudo de Fazzi. As entrevistas e observações da autora comprovaram que as manifestações do preconceito e da discriminação são interiorizadas pelas crianças negras, constituindo-lhes a percepção de serem inferiores e feias. Um forte componente estético foi identificado nos processos de construção e significação das categorias

branco e preto, tendo-se o preto como sinônimo de feio. A autora também identificou uma *continuum* de cores entre o branco e o preto e a presença de categorias intermediárias para identificação da cor da pele entre as crianças, interpretado como um modelo constitutivo dos padrões culturais brasileiros para a identificação racial, reproduzido pelas crianças (FAZZI, 2004).

Por fim, destaca-se o trabalho realizado por Rosenthal et al (2015), no qual os autores analisam os efeitos do *bullying* baseado em estigmas sobre a saúde mental de adolescentes urbanos negros e latinos. A pesquisa de base epidemiológica foi conduzida ao longo de dois anos, num estudo de coorte, na qual se testou a associação entre *bullying* baseado no peso e na raça e aumento da pressão arterial, da massa corporal (IMC) e diminuição da saúde global auto-avaliada. O *bullying* baseado no estigma está associado a resultados negativos de saúde mental e física, e os autores ainda apontam para a necessidade de ações específicas no sentido de reduzir o *bullying* e proteger os adolescentes dos efeitos adversos à saúde.

As referências até este momento consultadas, abarcam uma produção científica bastante diversificada em termos de referenciais teórico-conceituais, metodologia de trabalho com crianças e tipos de publicação. A literatura se apresenta desde bases epidemiológicas a estudos sobre experiências e narrativas de vida. Porém, o acesso a estes trabalhos tem sido difícil, pois há muita publicação ainda no formato de teses e dissertações e capítulos de livro. Ainda se pode dizer que há uma escassa publicação (principalmente no âmbito das revistas científicas) de trabalhos que relacionem a questão racial (em sua multiplicidade de aspectos) à infância.

Também é preciso sinalizar que a grande maioria dos estudos, principalmente as pesquisas brasileiras, se desenvolve no âmbito de centros educacionais, escolas e creches, públicas e privadas. Tais estudos sobre as relações que se estabelecem na escola buscam compreender tanto os impactos produzidos pelo racismo institucional – uso dos livros didáticos e negligência da escola nas situações cotidianas, quanto a relação entre pares e as formas de preconceito e produção de estigmas que são produzidas entre as crianças e jovens. Há trabalhos que não tomam a criança como sujeito direto de suas análises, buscando, de outro modo, compreender percepções e estigmas em torno do componente racial em algumas situações sociais específicas.



## Metodologia

“... foi quando o velho Bep-Djoti me explicou que as crianças tudo sabem porque tudo veem e nada sabem porque são crianças” (COHN, 2013, p. 225).

As pesquisas com crianças guardam em si um sem número de desafios metodológicos, pois é preciso levar em consideração as concepções de criança e infância que estão por trás dos estudos que falam *de* crianças e *com* crianças (COHN, 2013). Tais questões podem apontar para a criança detentora de direitos sociais (em termos de políticas públicas), e o ponto de vista da própria criança. A posição do pesquisador sobre infância e criança já direcionam parte significativa das técnicas que poderão ser utilizadas no encontro entre estes distintos universos: adulto – criança.

A abordagem etnográfica comporta o que Laplantine (2004) chama de ‘olhar flutuante’: estar atento e desatento ao mesmo tempo, permitindo captar nuances do cotidiano e situações inesperadas e imprevistas. Essa característica do trabalho etnográfico se coaduna com este estudo, pois a pesquisa com crianças exige uma dose de criatividade e descompromisso no campo, para, assim, captar questões que apontem temas de sua identidade e socialização. O trabalho lúdico pode, muitas vezes, ser a saída no caso da pesquisa com crianças: recursos como desenhos e brincadeiras, poderão ser um meio de interlocução com as crianças.

Uma pesquisa de cunho etnográfico com crianças também permite que a observação participante seja uma das ferramentas fundamentais para a construção de um diálogo entre a pesquisadora e seus informantes, abrindo espaços para uma definição mais adequada do papel do pesquisador no campo e no contato com as crianças, e das diferenças que podem surgir nestas interações, tal como apontam Bustamante e Trad (2007) em suas pesquisas.

A pesquisa foi realizada na capital baiana, Salvador, cidade que apresenta mais de 80% de sua população negra. Os dados foram produzidos entre os anos de 2012 e 2014, a partir de distintos processos de contato e interação da pesquisadora e seus informantes. As crianças foram contatadas segundo dois contextos de produção dos dados da pesquisa: de um lado, foram agendados encontros com crianças de famílias de classe média, de acordo com a disponibilidade de horários das crianças e seus responsáveis. O contato das famílias se deu de acordo com a rede de relações da pesquisadora.

De outro modo, crianças de um bairro popular participaram da pesquisa de

forma mais livre e espontânea, uma vez que a pesquisadora já atuava no bairro em outros projetos e grupos<sup>2</sup>. Neste caso, a maioria das crianças tinha mais autonomia em relação aos seus pais e cuidadores e transitava livremente pelo bairro. Este elemento não necessariamente facilitava o contato da pesquisadora com as crianças, uma vez que elas definiam por conta própria ('driblando' ordens dos pais e cuidadores) participar ou não dos grupos de brincadeiras desenvolvidos ao longo dos estudos.

As principais técnicas utilizadas foram: observação participante com uso do diário de campo, tanto no bairro de classe popular, quanto em algumas famílias nas quais a pesquisadora pôde adentrar o cotidiano das casas e mesmo realizar passeios pela cidade; 20 entrevistas semiestruturadas com 17 crianças de diferentes núcleos familiares (algumas crianças foram entrevistadas mais de uma vez); 1 entrevista grupal com crianças do bairro popular que participavam das ações da ONG; desenvolvimento de atividades lúdicas, tais como brincadeiras, leituras de livros infantis e, sobretudo, uso de desenhos que representassem o cotidiano das crianças. Os livros infantis utilizados versavam, quase todos, sobre a temática étnicorracial. Eles foram escolhidos para serem disparadores da temática nas situações nas quais as crianças não podiam falar – seja por desconhecimento ou pelo silêncio do que não se consegue dizer. Tal como os desenhos, foram possibilidades de projeção de situações vividas. Destaca-se estas técnicas mais adiante.

As crianças e jovens entrevistados tinham entre 05 e 14 anos de idade. A heterogeneidade das idades também foi um elemento importante e desafiador para abordagem dos temas preconceito, discriminação e racismo. Com as crianças menores, até a idade de cerca de oito anos, foi preciso caminhos mais lúdicos e mais tempo de interação para ser possível acessar suas dolorosas experiências. No caso dos jovens e das crianças com idades acima de 09 anos, as falas eram mais organizadas e permitiam mais acesso às narrativas de sofrimento, exclusão e enfrentamento às situações por elas vivenciadas. Foram utilizados pseudônimos com nomes de doces de festas infantis para identificação das crianças. Essa escolha se deu por uma crença da pesquisadora em achar que todas as crianças gostam de doces!

Ao longo do campo, alguns dos principais desafios encontrados pela pesquisadora com o público infanto-juvenil foram: as expressões 'racismo' e

---

<sup>2</sup> No mesmo bairro, a pesquisadora já desenvolvia outro projeto de pesquisa junto com o grupo FASA (ISC/UFBA) e a ONG Avante.

‘discriminação’ eram termos menos usuais entre as crianças e quase poderiam ser considerados temas tabus (invisibilidade da questão racial); além disso, o termo ‘*bullying*’ estava bastante em voga no discurso das crianças, levando a pesquisadora a construir novos caminhos para chegar às suas experiências de racismo e discriminação. Em muitas situações, o fenômeno *bullying* surgiu como sinônimo para as experiências de discriminação racial e preconceito, exigindo mais acurácia e cuidado na construção e análise das experiências das crianças e jovens.

Efetivamente, a construção das entrevistas no tocante às experiências de racismo se deu a partir da pergunta sobre situações de *bullying* nas escolas, para que a criança pudesse falar sobre as distintas situações vivenciadas por ela ou por outros colegas, amigos ou mesmo familiares. O uso do termo *bullying* permitiu chegar às situações de discriminação e preconceito vivenciadas pelas crianças, uma vez que as situações de discriminação e preconceito iam sendo relatadas para descrever o que as crianças nomeavam de *bullying*.

Um segundo e importante desafio diz respeito à relação entre adulto e criança<sup>3</sup>. Vivenciar o universo infantil por uma adulta cheia de demandas e responsabilidades configurou-se como algo quase impossível no início da pesquisa. Exigiu-se um exercício de concentração, mas, principalmente, um mergulho no universo e modos de ser das crianças participantes da pesquisa. Tal exercício beirava um retorno à própria infância da pesquisadora, ou melhor dizendo, um resgate da dimensão criança escondida nas exigências da vida adulta.

A pesquisadora se viu pensando como uma mulher, adulta, identificada como branca, de classe média, que fala baixinho e educadamente, e usa grandes óculos de grau, poderia se aproximar e estabelecer laços afetivos com as crianças e os pequenos jovens dessa nova geração. O que o campo apontou foi simplesmente que a criança ou jovem mostram o caminho, ou o percurso metodológico. O cuidado e a paciência foram cruciais para construção deste trabalho.

Desenhos e leituras de livros infantis foram usados como disparadores para escuta das histórias que as crianças poderiam contar e que, muitas vezes, refletiam suas próprias experiências. Os desenhos e os livros infantis possibilitaram processos de projeção das experiências de sofrimento das crianças:

---

<sup>3</sup> Ver PIRES, 2007. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 50, n. 1, 2007.

Outro dia desenhei uma borboleta. Casadinho (07 anos) quis que eu o ensinasse a desenhar uma borboleta. Ajudei. Escolhemos um nome para ela – Enzo, nome masculino - e ele disse: essa borboleta é menino, se eu sou menino? E começamos a falar sobre aquela borboleta... Nela, ele depositava informações sobre ele próprio... Foi através dela que ele pôde dizer que os sentimentos da borboleta eram todos de muita tristeza e se relacionavam a situações vivenciadas na escola (Diário de campo, sem data).

Os dados foram analisados e interpretados a partir das experiências e significados que crianças e jovens atribuíram aos distintos episódios e contextos de vida, destacando-se as formas de construção de suas identidades; as principais experiências de discriminação narradas; as repercussões destes episódios de sofrimento e dos seus contextos de vida e, por fim, aspectos de resiliência, proteção social e empoderamento.

## **Resultados e Discussão**

Ameixa é uma menina de 11 anos moradora de um bairro popular de Salvador, próximo ao centro da capital. Ela gosta de ler e escrever e tem uma página nas redes sociais intitulada “Qual o seu problema, garota?”. Ameixa é uma criança que aproveita bem essa fase e se reconhece como criança, julgando não entender certas situações e problemas da vida adulta. Ela é filha de pais separados, mas que são moradores da mesma comunidade. Gosta de brincar pelas ruas do bairro e participa do projeto “Berimbanda”, uma iniciativa comunitária que oferece diversos cursos de formação para as crianças moradoras da região. Ameixa mora bem perto da biblioteca comunitária do bairro, sendo uma frequentadora assídua do lugar.

O de sempre: eu vou pra escola, volto, às vezes fico lendo, ou fico no celular quando o computador num tá, tá sem internet. Aí, às vezes eu fico lendo ou no celular, às vezes também fico assistindo televisão, outras eu fico sem fazer nada. Fico brincando com, na rua, com meus colegas: Cauã, Júlia, Amanda (...) Mais ou menos isso. Aí de noite assisto várias programações (...) como novelas... é, só isso. Depois aí eu vou dormir e no outro dia é a mesma coisa. (...) Eu gosto mais de ler livro de romance (...) Tipo de livro romance adolescente. (...) Também gosto de livros de ações por causa dos filmes que eu assisto também, tipo Harry Potter, Percy Jackson... as sagas (Ameixa, 11 anos).

Pirulito tem 14 anos, mas convive com crianças menores que ele no seu bairro e pretende ser jogador de futebol. É um menino doce, porém, apresenta semblante de muito sofrimento por conta do histórico de vida dos seus pais. É criado e cuidado pela avó e avô e tem um dos tios como referência para a questão racial. Seus pais são separados e o pouco convívio com a mãe biológica é marcado por muitos conflitos.

Admira seu pai e já sofreu ao vê-lo ser preso. Frequenta escola pública próximo ao bairro onde mora, bairro popular e precário, que está localizado em uma área nobre da cidade, cercado por bairros de classe média alta de Salvador. Além de querer ser jogador de futebol, também pensa na possibilidade de ser policial. Pirulito trata a questão racial com uma certa obviedade e objetividade que fazem parecer algo banal e corriqueiro no seu dia a dia. Os chistes e brincadeiras podem ser uma forma de camuflar a sua dor.

Sandra- (...) Sim, e aí quando tem essas coisas assim de... de preconceito racial o quê que acontece: alguém fala alguma coisa, alguém ajuda alguém?  
Pirulito- Essa menina que fala pra professora.  
Sandra- A “X-9”?  
Pirulito- É.  
(...)  
Sandra- Hum. Mas cê acha certo ou... ou errado ela falar?  
Pirulito- Errado! [pausa curta de dois segundos] Se tá todo mundo brincando de *bullying*, por que ela vai falar?  
Sandra- Ah, é só uma brincadeira?  
Pirulito- Ela também chama... (Entrevista Pirulito, 14 anos).

Cupcake é uma menina de 11 anos moradora do mesmo bairro que Ameixa e Pirulito. Cupcake foi retirada da casa de sua mãe biológica ainda bebê por um casal da vizinhança porque corria riscos de vida. Seus pais biológicos eram usuários de drogas. Seu pai biológico faleceu e sua mãe continua usuária, envolvendo-se em situações de violência doméstica cotidianamente. Os pais que a adotaram vivem em uma pequena casa e também tiveram uma filha. Cupcake, ao contrário de Ameixa, não gosta de estudar, nem de ir à escola. Estuda em um colégio estadual um pouco distante do bairro onde mora. Ela gosta de ir à praia, de sair com uma tia que mora em um bairro bem distante do seu, de ir ao pagode com seu pai adotivo e de brincar de elástico e de “briga de rico”. Por vivenciar tantas situações de violência, Cupcake está sempre tensa, com a cabeça carregada de pensamentos densos, preocupações e sofrimentos. “Eu penso que o mundo tá muito pesado...”, ela diz.

Pipoca é irmã de Cupcake por parte de mãe. Pipoca também não vive com sua mãe biológica. Sua responsável é sua avó, mãe de sua mãe biológica. Ela estuda em um colégio público e não é muito afeita aos estudos. Transita muito livremente pelo bairro, e, por vezes, passa noites fora de casa, dormindo em casa de amigos e conhecidos. Pipoca é uma menina, tem 10 anos, mas possui atitudes e realiza coisas no bairro como se já fosse uma mulher adulta. Em muitas ocasiões, Pipoca foi vista envolvida em brigas e discussões com outras meninas do bairro. Já foi chamada por algumas moradoras de “ladroninha”.

Brigadeiro e Beijinho são irmãos gêmeos, entrevistados pela primeira vez quando tinham 08 anos de idade, recém-chegados da cidade de São Paulo. Seus pais se separaram ainda na capital paulista e sua mãe, soteropolitana, decidiu voltar a terra natal para criar os filhos junto a sua família de origem. Brigadeiro é um menino que apresenta algumas dificuldades de relacionamento com o irmão mais velho de 12 anos, por ser considerado por este último “afeminado e de gosto duvidoso”. Beijinho é a irmã gêmea de Brigadeiro e possui gostos e interesses bem distintos de seu irmão. As crianças vivenciaram diferentes experiências de discriminação e preconceito entre as cidades de São Paulo, onde viveram a primeira infância, e a cidade de Salvador, para a qual decidiram se mudar e residem há cerca de dois anos. Os irmãos moram em um bairro popular da capital soteropolitana, porém, um bairro periférico e bastante distante do centro da cidade. Passam algumas tardes sozinhos em casa, sob a guarda de uma das tias, que os vigia de sua casa, em frente à casa das crianças. Assistem muita TV ao longo da tarde.

A mãe dos meninos é farmacêutica e trabalha no Hospital Santa Isabel (localizado em um bairro do centro de Salvador). Na visão da mãe, não é ruim morar num bairro de periferia, mas, algumas vezes demonstrou ter uma preocupação em poder oferecer uma formação diferenciada para seus filhos, com acesso a serviços e passeios mais “culturais” (ênfatisando muito as idas ao cinema). Em uma das conversas, a mãe dos meninos comentou que na cidade de São Paulo seus filhos sentiam mais o impacto do racismo em seus cotidianos e que, aqui em Salvador, eles se sentem mais à vontade, relatando sofrerem menos preconceitos.

Paçoca e Casadinho são irmãos e moradores do bairro do Garcia, juntamente com sua mãe e o pai de Casadinho. Paçoca é uma jovem que foi entrevistada entre seus 10 e 12 anos de idade e Casadinho, sendo muito mais novo que a irmã, só pôde ser entrevistado quando atingiu seis anos de idade, um ano após a última entrevista realizada com a irmã. Paçoca foi acompanhada em sua transição da infância para a adolescência e o que mais se destacou foi seu processo de valorização de si própria e do seu cabelo. A menina-mulher passava por constantes conflitos com sua mãe, bem representativos dos desafios que vivem os adolescentes, sobretudo as meninas negras.

Na primeira entrevista de Paçoca, aos 10 anos, a menina dizia que adorava fazer cupcakes. Ela mesma fazia os bolinhos e vendia num tabuleiro na frente de casa. Na época, moravam na Barra, um antigo e elitizado bairro da orla de Salvador, na

casa de uma tia-avó de consideração (sem consaguinidade). Sua mãe sempre trabalhou para essa tia e lá teve seus filhos. Paçoca se dizia morena, e pensava em ser médica e trabalhar com crianças.

Casadinho, por sua vez, sempre foi uma criança bastante agitada e, no contexto de sua entrevista, passava por uma situação complicada, na qual a escola fazia queixas aos seus pais de seu comportamento, e ele próprio dizia “ninguém gosta de mim”. Casadinho e Paçoca são filhos de diferentes pais.

Rapadura é uma menina de 10 anos que também mora em bairro antigo, elitizado e bem próximo à orla de Salvador. Sua casa fica em uma rua mais simples do bairro e sua família é de classe baixa. Rapadura já vivenciou inúmeras situações de violência em sua família e já teve um irmão preso e assassinado. Rapadura se mostrou bastante tímida no único encontro que teve com a pesquisadora. Era amiga e vizinha de Paçoca na época da realização da pesquisa. Apesar de sua pouca idade, Rapadura parecia ter muito mais maturidade e consciência sobre a questão racial, quando comparada a sua amiga Paçoca. Ela nos relata como lida com o preconceito dentro da sua própria família:

S – Você já sofreu algum preconceito? Já? E como foi?

R – Foi uma prima minha, ela perguntou assim: porque eu não sou da cor dela? Ela disse que essa cor é feia.

S – E aí, você disse o que?

R – Eu disse, você é preconceituosa? (...) É uma questão que não gosta do preto...

(Rapadura, 10 anos)

Uva Coberta tem 12 anos e estuda em um dos colégios mais caros da cidade. Ela era a única menina negra de sua escola durante o período da pesquisa. Uva coberta mora com seus pais, casados, e uma irmã de 06 anos (Moranguinho). Em seu cotidiano, estuda pela manhã e faz diversas outras atividades complementares na escola. É uma menina versátil, que se considera bastante divertida, alegre, descolada, dinâmica e inteligente. Uva Coberta adora música, passeios (faz viagens para outras cidades com os pais e com a escola), praia, shopping, cinema, etc. Gosta de ler e estudar, é uma aluna aplicada e estuda intensamente por influência de sua avó materna, recentemente falecida, fonte de força e inspiração para ela. Apesar das diversas situações de discriminação relatadas por Uva Coberta, apresenta-se como uma menina que não perde a alegria e o humor, contagiando todos ao seu redor. Já sua irmã, Moranguinho, é bastante tímida. Moranguinho tem cabelos louros e crespos

e a cor da pele clara. Ao contrário, Uva Coberta tem cabelos escuros e a cor da pele bem escura. Essa composição distinta entre as irmãs é um importante aspecto para compreensão da forma como se percebem negras e lidam com a temática racial dentro e fora da família.

“Assim, eu vou falar bem de antes da minha escola agora. Eu estudava no sonho, no colégio Módulo Criarte, que foi o meu segundo colégio, e lá, tipo assim, no ano retrasado, que eu era 5º ano, agora eu tô no 7º, eu era a única menina negra da escola inteira. (...) Então... [pausa curta] assim, era muito... às vezes era legal e às vezes era estranho. Porque, legal porque você era a única, não tinha, assim, ninguém muito parecido com você. Eu era a única menina negra mesmo. Tinham aquelas morena mas eu era negra mesmo. E ruim porque às vezes eu sofria racismo, [buzina ao longe] às vezes era *bullying*, então, essa parte... eu não gosto, assim, particularmente que eu acho que a maioria das pessoas não gostam também de sofrer racismo e *bullying*. Ano passado eu também já... eu sofri, também, porque [voz um pouco trêmula]... com certos problemas que houve na escola é... em relação às pessoas fazerem *bullying* contra mim, às vezes eu ficava isolada. No... no Grupo 9 que agora é 4º ano, eu não saía da biblioteca, eu era uma pessoa superestudiosa, eu não saía da biblioteca. Tirava nota altíssima nas provas e aí aos poucos quando chegaram mais minhas colegas novas que aí eu fui me adaptando e não, não vou dizer que esqueci, mas eu sai um pouco do, do estudar pra matar, eu “oxe” comecei a brincar no intervalo, a conviver com as pessoas. Antes eu ficava mais na biblioteca, antes eu ficava mais isolada” (Uva Coberta, 12 anos).

Tapioca é filha de uma mãe de Santo, tendo o Candomblé como sua religião, e moradora de um bairro distante do centro de Salvador (Itapuã), na fronteira com o município vizinho, Lauro de Freitas. Tapioca também foi entrevistada entre seus 12 e 14 anos de idade. É uma menina que surpreende pela maturidade e compreensão sobre os processos de discriminação, preconceito e intolerância religiosa presentes desde cedo em seu contexto de vida. Na primeira entrevista, aos 12 anos, Tapioca ainda morava no bairro de Portão, no mesmo terreno onde fica hoje o terreiro de candomblé de sua mãe. Ela tem dois irmãos mais velhos e se considera uma menina doce, sensível e bastante preocupada com injustiças sociais. Sua família toda é da religião do candomblé e o terreiro fica nos fundos da pequena casa onde viveu com sua mãe, namorado da mãe, avó, irmãos de sangue e, com bastante frequência, irmãos de fé (filhos de santo de sua mãe). Ela já foi iniciada no candomblé e enfrenta comentários e discriminação de colegas e amigos da vizinhança por conta de sua religião. Tapioca sentia falta da presença do pai. O bairro de Portão, onde morou, era também violento e Tapioca presenciou sua prima e tia serem baleadas na frente de casa. Os fatos locais violentos levaram sua mãe a impedi-la de brincar na rua com outras crianças. Tapioca se vangloria de seu cabelo cacheado, dizendo que ele ficou mais bonito depois de ter “feito santo” e falou de sua forte identificação com a história



de vida de Luislinda [Luislinda Valois, 68, conhecida como primeira negra magistrada no país].

Imagine, ela foi discriminada pelo próprio professor, o professor disse que ela seria uma boa cozinheira, invés de se formar em magistuta [magistratura]. (...) Luislinda, é isso. Ela, ela... como ela foi discriminada, ela teve essa ideia, sabe, de trabalhar com gays, é... deixa eu ver, negros, cadeirantes, tudo que é tipo de pessoa, sabe? Ela conseguiu, na verdade, ela conseguiu, hoje ela é oficialmente juíza, essa é, só que ela está cuidando de discriminação, essas coisas racial, bullying, tudo que é tipo de coisa assim, é isso que ela está cuidando hoje. (...) Eu gostei da coragem dela de seguir, porque às vezes o preconceito vem do próprio negro, sabe, na minha escola ocorre muito isso (Tapioca, 12 anos, novembro de 2012).

Sendo uma menina muito sensível aos 12 anos, aos 14, Tapioca se mostrou mais segura, mais decidida e sobretudo mais confiante em sua beleza e identidade negra. Suas experiências na escola e nos bairros onde morou e mora, apontam uma forma peculiar de enfrentamento às situações de discriminação. Por sua beleza, relata ser bastante cobiçada pelos meninos da escola!

Num sei. Na Certidão de Nascimento diz que eu sou parda. Eu nasci BRANCA, BRANCA, branca, branca, mas [risos] é... depois eu... eu continuo dessa cor, assim. É, eu num sei nem se eu tô com meu... [muxoxo] meu álbum aí, senão eu ia te mostrar. Num sei se tá na mão de minha avó. Aí eu ia te mostrar minhas foto. E, na minha Certidão de Nascimento tem parda. Eu não entendi por isso, eu não entendi por quê. EU me considero negra. Quando eu vou fazer o exame, qualquer coisa lá no colégio que tem, [latido de cães] bota, num sei quê, “você s... c... você se considera é... parda, branca ou negra?” Aí eu pego e falo ‘negra’. [risos] Aí (...) olha pra minha cara, [risos] aí a professora geralmente olha pra minha cara (...). Tem umas menina que é da minha cor e diz que... é... que é... morena, que é mulata, que é... [muxoxo] que é parda, que num sei quê, quando, quando faz esses exames lá no colégio, que ano passado teve também. Aí minha amiga do meu lado – ela também é da minha cor – ela pegou e falou que ela é parda. Eu olhei pra cara dela, fiz... [risos] né? Mas eu não tenho, eu não tenho a mesma, a mesma cabeça que ela né? (Tapioca, 12 anos, 2012).

Cocada e Pé-de-moça são irmãs cuja diferença de idade é de 05 anos, representando, no momento da pesquisa, uma nítida diferença entre Cocada, menina, ainda criança e Pé-de-moça, tipicamente adolescente. Cocada nasceu no ano de 2004 e foi entrevistada em duas situações: aos 09 anos e aos 10 anos. Pé-de-moça foi entrevistada duas vezes, porém, todas no contexto dos seus 14 anos de idade. Cocada é uma menina doce, que gostava de bonecas, de brincar com as amigas, de assistir programas infantis como Carrossel e Chiquititas. Na segunda entrevista, aos 10 anos, já começava a despertar interesse em meninos e gostava de passar horas conversando com as amigas ao telefone. Não gostava tanto de ler, em comparação a sua irmã mais velha, devoradora de livros. Pé-de-moça é muito inteligente, detentora

de um raciocínio rápido, e de uma vida intensa, marcada por muitas interações e uso de medicamentos. Pé-de-moça tem uma doença crônica que marcou tanto a sua biografia, quanto a de seus pais. As meninas são filhas de pais casados, militantes da saúde e da questão racial, significativamente engajados sócio-politicamente. Elas moram num bairro de classe média (IAPI) e estudam em uma escola particular também de classe média. Tem acesso a muitas informações político-culturais e lidam com o fato de que seus pais estão quase todo tempo viajando pelo país e pelo mundo, lutando pela causa por eles escolhida.

Cajuzinho e Quindim são primos e moram na casa da avó, em um bairro de classe média baixa, na região conhecida como Cidade Baixa, outro pólo da cidade de Salvador, acentuadamente diferente das regiões mais centrais da cidade. As crianças foram incluídas na amostra pela peculiaridade de suas histórias, mas se encontram na faixa etária um pouco abaixo da estabelecida para o estudo. Cajuzinho é um menino de 04 anos, filho de pais separados e que adora brincar. Ele tem o cabelo grande, estilo diferente do padrão de uso do cabelo crespo entre homens e meninos negros. Sua avó é trançadeira e sua mãe foi a responsável por manter seu cabelo grande. Seu cabelo já foi fonte de problemas para que se matriculasse na escola infantil. Quindim, sua prima, entre cinco e seis anos na época do estudo, desde cedo também questiona a família sobre assuntos relativos à cor da pele e ao cabelo crespo. Quindim é uma menina bastante atenta e interessada nas brincadeiras e conversas que surgem em sua casa. Porém, apresenta enorme dificuldade para se perceber bonita.

Pé-de-moleque e seus irmãos moram na Liberdade junto com seus pais. O contato com a família se a partir da rede de relações da pesquisadora, que a levou até o bairro da Liberdade. No bairro, ao saber da pesquisa, uma das vizinhas de Pé-de-moleque informou que ele era indicado para a pesquisa, pois era considerado por ela a negritude do bairro. Após a realização da primeira visita e entrevista na casa da família, um dos filhos do casal, o mais velho, morreu em um acidente no carnaval de Salvador. A pesquisadora não mais retornou à casa da família, por conta do triste episódio. Pé-de-moleque é um menino de 08 anos, bastante vivo e brincalhão. Usa os cabelos compridos e cacheados e diz que quando crescer vai ser jogador de futebol, como o Ronaldinho Gaúcho, seu ídolo na época. Pé-de-moleque nasceu com um grave problema no rim esquerdo e passou por algumas intervenções cirúrgicas ainda bebê.

“Pé-de-moleque- Como, como, assisto televisão, como de novo, brinco no computador, como de novo, e algumas vezes, se meu... (...) não, Play Station tá ligado, como, como, tomo banho, é... e fico no Play Station até de noite.  
Sandra- No Play Station? E na rua? Você gosta de brincar na rua?  
Pé-de-moleque- Brinco de futebol, vôlei quando minha prima tá aqui, Ester ou Erivelton, é... ou os dois, eu brinco de vôlei, e quando a minha mãe tá aí embaixo, eu desço também e fico brincando de futebol com os meninos aí” (Pé-de-moleque, 08 anos, Liberdade).

## Considerações Finais

As crianças analisadas compuseram um conjunto de nove famílias investigadas ao longo da produção da pesquisa de doutorado. Os casos aqui narrados apontam para experiências emblemáticas em torno dos processos de discriminação racial, socialização e construção de suas identidades. Destaca-se uma grande heterogeneidade no modo como as famílias e, sobretudo as crianças, lidam ou lidaram com a questão racial. Os processos de socialização racial se mostraram contraditórios e complexos, semelhantes aos achados de Hordge-Freeman (2015).

De formas e intensidades distintas, as crianças não deixaram de abordar aspectos relevantes das relações raciais, tratando direta ou indiretamente situações-chave da relação entre negros e brancos ou análises sobre ascensão do negro na sociedade e a necessidade de valorização da identidade racial. Quase todas as crianças entrevistadas experienciaram situações de discriminação racial ou preconceito na escola, no bairro onde moravam, ou mesmo dentro da própria família. Os principais desdobramentos destas dolorosas experiências podem ser sintetizados em: isolamento, tristeza, choros, depressão.

Os processos de enfrentamento ao racismo se mostraram distintos a partir do contexto de vida de cada criança. Dinâmicas de vida em que a violência era o contexto principal de organização social e comunitária quase tornavam a questão racial invisibilizada, sobretudo a partir da ótica infanto-juvenil. Apesar de compreenderem por completo os processos de discriminação racial, muitas crianças apresentaram respostas a tais episódios como negativas ou defesas destas situações: brincando de *bullying*, fazendo piadas (xistes) ou tentando ser o melhor da turma foram respostas importantes que representam a carga emocional que os episódios de racismo podem acarretar.

A identificação das crianças como negras (autoclassificação) pareceu mais fácil que a auto-identificação dada pelos parentes mais velhos (pais, mães, tios, tias, avós, etc.). O elemento geracional conformou uma grande distinção em termos de

identificação racial, sendo facilitada entre as crianças. Elas próprias apontaram, em sua maioria, uma leitura diferenciada sobre a cor da pele de seus pais, chegando, em alguns casos, a sinalizar que seus pais não eram negros (casos de pais com a tez da pele mais clara).

As falas e experiências das crianças também demonstraram distintas formas de proteção e enfrentamento às situações de discriminação e preconceito por parte dos seus pais ou responsáveis. Em algumas situações, os pais ou responsáveis pela criança desconheciam completamente os episódios de discriminação/preconceito vivenciados; em outros casos, percebia-se nitidamente os processos de mobilização e reivindicação de ações e processos reparatórios, que repercutiam no modo como a criança se percebia e lidava com sua própria identidade e enfrentamento às situações cotidianas.

As atuais transformações da sociedade brasileira impactam sobremaneira os modos de ser e de resistir das crianças e jovens analisados. Destaca-se, por exemplo: as novas ondas de reconhecimento da estética do negro (Big Shop; Instituto Beleza Natural; Marcha do Empoderamento Crespo, etc.); novas e mais amplas possibilidades de denúncias e discussão sobre o racismo entre as famílias e instituições engajadas; e mais espaços de socialização e compartilhamento de dores e afetos (incluam-se espaços e redes virtuais).

Outro importante aspecto a ser considerado diz respeito à reelaboração dos conteúdos escolares, conforme a lei 10.639/03, que aponta, de acordo com as falas das crianças e jovens, avanços significativos nos processos de reconhecimento e enfrentamento das questões raciais pelas crianças e famílias do estudo.

## **Referências**

- ARAÚJO, Edna Maria de. Mortalidade por causas externas e raça/corda pele: uma das expressões das desigualdades sociais. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva – Universidade Federal da Bahia, 2007 (tese de doutorado).
- BOBO, L. D., FOX, C. Race, Racism, and Discrimination: Bridging Problems, Methods, and Theory in Social Psychological Research. *Social Psychology Quarterly*, vol. 66, n. 4, p. 319-332, 2003.
- BUSTAMANTE, V. e TRAD, L. A. B. Cuidando da saúde de crianças pequenas no contexto familiar: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Ciênc. Saúde coletiva*, vol 12, nº 5, Rio de Janeiro, set-out de 2007.

- CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- COHN, C. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas, Porto Alegre*, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2013.
- FAZZI, R. C. *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FRANÇA, D. X., MONTEIRO, M. B. A expressão das formas indirectas de racismo na infância. *Análise Psicológica*, v. 4, nº 22, p. 705-720, 2004.
- GOFF, P.A., JACKSON, M. C., DI LEONE, B. A. L., CULOTTA, C. M., DiTOMASSO, N. A. The essence of innocence : consequences of dehumanizing black children. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 106, nº 4, p. 526-545, 2014.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34, 2009 (3ª edição).
- HORDGE-FREEMAN, E. *The color of love: racial features, stigma, and socialization in black Brazilian families*. University of Texas Press, USA, first edition, 2015.
- LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. São Paulo, Terceira Margem, 2004.
- LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.) *Superando o Racismo na Escola*. Brasília, 2005.
- LOPES, Fernanda. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, v.21, n.5, p. 1595-1601, Rio de Janeiro: set-out, 2005.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade. Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- OLIVEIRA, F., ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e paparicação. *Educação em Revista. Belo Horizonte*, v. 26, nº 2, p. 209-226, 2010.
- PIRES, F. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia, São Paulo, USP*, v. 50, n. 1, 2007.
- PRIEST, N., PARADIES, Y., TRENERRY, B., TRUONG, M., KARLSEN, S., KELLY, Y. A systematic review of studies examining the relationship between reported racism and health and wellbeing for children and young people. *Social Science & Medicine*, 95, p. 115-127, 2013.

- ROSENTHAL, L., EARNSHAW, V.A., CARROLL-SCOTT, A., HENDERSON, K., PETERS, S.M., McCASLIN, C., ICKOVICS, J.R. Weight- and race-based bullying: Health associations among urban adolescents. *Journal of Health Psychology*, v. 20, nº 4, p. 401-412, 2015.
- SANTOS, Rosa Maria Rodrigues dos. De Café e de Leite... In: BENTO, M. A. S. e CARONE, I. *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.) *Superando o Racismo na Escola*. Brasília, 2005.
- SILVA, M. P. D., BRANCO, A. U. Negritude e Infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. *Psico*, v. 42, nº 2, p. 197-205, Porto Alegre, PUCRS, abr/jun, 2011.
- SOARES, M. C. *Relações raciais e subjetividades de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador*. Salvador, UFBA, 2011. (dissertação de mestrado).
- WILLIAMS, D.R., PRIEST, N. Racismo e Saúde: um corpus crescente de evidência internacional. *Sociologias*, ano 17, nº 40, p. 124-174, Porto Alegre, 2015.